

ICONOGRAFIA DAS SANTAS MARGARIDAS, PARTICULARMENTE, A DE CORTONA, TERCIÁRIA FRANCISCANA

GABRIELA MARIA LADEIRA FERREIRA TORRES*

Santa Margarida de Cortona

Igreja São Francisco de Assis - Ouro Preto

As representações iconográficas de Santa Margarida na Biblioteca Real do Palácio da Ajuda, em Lisboa, demonstram a variedade de seus cultos e devoções e quantas “Margaridas Santas” são veneradas, não só em Portugal, onde o culto difundiu-se especialmente a partir da Contra-Reforma, vindo para o Brasil, como em toda a Europa. Somam-se a estas as “Margaridas Beatas” e as “Veneráveis”, também muito queridas e, ainda hoje, muito cultuadas.

Retratos em livros de Margarida Maria Alacoque, Santa, Santa Margarida de Antióquia e Olibrio, Santa Margarida de Cortona e as imagens do Convento do Bouro e de São Francisco de Bragança.

A destacarem-se as imagens de Santa Margarida de Cortona na Igreja dos Santos Mártires no Chiado, em Lisboa, Santa Margarida Maria de Alacoque na Igreja de Santa Madalena, ao pé da Sé de Lisboa, as imagens, uma em terracota e outra em pedra de ançã no Museu das Janelas Verdes e, de particular expressão, a pintura do tríptico, à entrada lateral e mais utilizada da Igreja de São Gonçalo do Amarante, em Amarante, no norte de Portugal, onde se representa, ricamente trajada e adornada, Santa Margarida Maria.

Ora, não ocorre com Santa Margarida em Portugal o que se passa, por exemplo, com Santa Juliana, que, ainda que muitas vezes seja a de Falconieri, imagem que temos representada no altar-mor da Capela de Nossa Senhora da Boa Morte em Ouro Preto, de roca e severa, quando em Portugal os cultos se misturam e vêmo-la representada, por exemplo, como uma menina-fada, portando uma vara com estrela na ponta, na Igreja da Graça, em Lisboa, a seus pés a inscrição: Santa Juliana.

Talvez devido ao seu culto tão difundido na Itália, por exemplo, onde Dante elege o orago para a Capela que manda erigir ao lado do seu palácio em Florença, para a celebração de suas núpcias com a jovem e bela Gemma, ou em França, possuindo o Louvre de Paris uma belíssima tela de Rafael de Santa Margarida de Antióquia, que é também representada numa miniatura no mesmo Museu de J. Fouquet. Talvez pelas quatro visões de Santa Margarida Maria associarem-na definitivamente ao Sagrado Coração de Jesus e Santa Margarida de Cortona ter escolhido trabalhar exatamente entre os franciscanos.

O fato é que o culto a Santa Margarida não se mistura e ela é reconhecida como de Cortona, ou Maria de Alacoque, ou de Antióquia, etc..

No Brasil, a maior difusão dá-se através dos franciscanos, com Santa Margarida de Cortona presente no bem-querer popular a ponto de ouvir-se narrar sua história com grande autenticidade e riqueza de detalhes. São Francisco de Assis de Ouro Preto possui não só o painel pintado por Ataíde sobre o coro-alto com sua representação (Santa Margarida de Cortona), como uma escultura no consistório, também trajando o hábito negro, sentada sobre o rochedo em contemplação, em penitência de reclusão quase total, como terminou sua vida mais ou menos aos 50 anos de idade, em 1297.

Em Mariana, na Igreja de São Francisco de Assis, ela está inventariada em rol de 1855, * *Arquiteta*



*Imagem de Santa Margarida de Cortona
Consistório
Igreja de São Francisco de Assis
Ouro Preto/MG*

como imagem de roca, ou processional, trajando o hábito franciscano. Também mantém-se o registro de sua presença na procissão da quarta-feira de cinzas, do após guerra, quando o aparato processional de São Francisco foi de tal ordem que chegou-se a dizer na cidade que naquele ano, esse, sim, havia sido o famoso carnaval mariano. Na sacristia, duas imagens femininas de roca podem ser alegadamente de Santa Margarida de Cortona, postadas em conjunto significativo de roca de que faz parte inclusive o Papa Inocêncio III, sentado em trono ornado em *chinoiserie*, deliberando verbalmente a São Francisco licença para professar em nome de Deus. Uma delas tem os olhos postos no observador, como a representação que Emille Mälle reproduz no seu *XVII éme-Siécle*, mas nesse caso tratar-se-ia de Margarida Maria, que aponta a luz e expõe seu coração. Para tal seus braços são perfeitamente articulados. A outra imagem tem as feições mais delicadas e os olhos mais baixos, penitentes, mas já não possui os braços. Não se encontram expostas.

São designados na liturgia pelo epíteto comum de Santos Auxiliares, 14 santos particularmente célebres pela eficácia da sua intercessão. Representam-nos ordinariamente juntos. A devoção do povo a esses santos tão compassivos com as necessidades dos homens tem origem na maior parte das vezes nalgum mosteiro célebre que possuía as suas relíquias. Todos, exceto São Gil, sofreram o martírio. O culto de alguns: São Jorge, por exemplo, de São Cristóvão, de Santa Bárbara, de Santa Catarina, de Santa Margarida, espalharam-se pelo velho mundo durante a Idade Média e originam novos costumes e divertimentos populares. O nome deles conserva ainda grande popularidade.

Citamo-los: São Jorge (23 de abril); São Brás (3 de fevereiro); São Erasmo (2 de junho); São Pantaleão (27 de julho); São Vito (Guido) (15 de junho); São Cristóvão (25 de julho); São Dionísio (9 de outubro); São Ciríaco (8 de agosto); São Acácio (8 de maio); São Eustáquio (20 de setembro); São Gil (1º de setembro); Santa Margarida (20 de julho), quer pelo dragão que tem acorrentado, é invocada nas dores de rins e pelas mulheres que estão para dar a luz; Santa Bárbara (4 de dezembro) e Santa Catarina (25 de novembro).

Santa Margarida Maria Alacoque, virgem, nasceu em 1647, na diocese de Autun. Fez, muito jovem ainda, voto de virgindade perpétua e aos 23 anos entrou para o Convento das Visitandinas de Paray-le-Monial. Lá tem três (ou quatro) visões de Jesus em que Ele pede a Margarida Maria que promova a devoção dos homens ao Sagrado Coração. Repousa sobre a laje no coro da Capela das Visitandinas, à beira da grade onde se ajoelhava quando o Senhor lhe apareceu. Foi beatificada por Pio IX em 1864 e canonizada por Bento XV em 1920. O Papa Pio XI estendeu a sua festa à Igreja Universal e é comemorada aos 17 de outubro.

Santa Margarida, virgem e mártir, martirizada na Antioquia em fins do Século III. Os gregos a chamavam de Marina. Ao tempo das Cruzadas seu culto se estende pela França, Inglaterra e Alemanha, por onde se distribuem suas relíquias. Celebrada no martirólogo romano aos 20 de julho.

Santa Margarida, martirizada na África em 11 de fevereiro de 304, império de Diocleciano, uma dos muitos mártires companheiros de São Saturnino.

Santa Margarida, rainha da Escócia, filha de Eduardo e Águeda, nascida na Hungria, em 1046 e morta em Edimburgo a 16 de novembro de 1093. É comemorada aos 10 de junho.

Santa Margarida, martirizada por seu próprio esposo, Horlon, aos 25 de outubro de 1176 na Dinamarca.

Santa Margarida, virgem fundadora das religiosas de Bom Jesus de Ravena, na Itália, nascida em 1442 e morta aos 23 de janeiro de 1505.

Santa Margarida, a Descalça, viúva, celebrada pelo martirólogo romano aos 27 de agosto, morta aos 5 de agosto de 1395 em Septémpda, onde hoje se venera São Severino.

Algumas Margaridas a Igreja honra com o título de Beatas, citamos algumas:

Margarida, dominicana, nascida em Iprés, em 1216 e morta em 20 de julho de 1237.

Margarida de Gerines, dominicana convertida na Bélgica, Vale Ducisa, morta em 1470.

Margarida, religiosa beneditina do Mosteiro de Sauve-Benoite, diocese de Puy, na França, da Congregação Cisterciense. É húngara e de mãe inglesa, com a qual peregrinou a Jerusalém.

Era somente Santa Margarida, que logo depois foi apelidada de “Cortona”, lugar onde ela fez sua penitência e foi sepultada. Nasceu em Laviano, na Toscana em 1249.

Perdeu sua mãe aos 8 anos de idade e por falta de um pulso forte e educação seguiu a libertinagem e o deleite, fazendo todo o tipo de desordem de que era capaz uma donzela desvairada e sozinha no mundo; não ligava para religião e sua consciência não funcionava.

Entregou-se a um fidalgo de Monte Pulciano, que em uma de suas noites foi assassinado violentamente, e não se sabe quem e muito menos quantos os culpados.

Possuía uma cadelinha à qual ela tinha um fraternal amor. Essa cadelinha tinha seguido o fidalgo no dia em que foi morto e sepultado no mesmo lugar. Uma semana depois a cadelinha começou a puxar a saia de Margarida com tanta insistência, que ela seguiu e foi quando a cadela raspou com as patas o lugar onde o infeliz havia sido enterrado, e ela continuou a desenterrar o corpo já putrefato; ela chorou um pouco e pensou em sua vida pregressa, e foi aí a hora em que “Deus” se serviu para convertê-la, dado o seu grande arrependimento.

Lembrou-se da sua vida pregressa e ficou estarecida de horror. A graça de “Deus” começou a tocar aquele coração que tinha culpas, culpas e grandes culpas. Para sair do abismo em que se meteu, iniciou-se uma série de penitências, as quais ela se impetrava.

Tão compenetrada ficou que foi lançar-se aos pés de seu pai e pediu perdão por tudo que o fez sentir. Foi difícil, porque a cólera que o pai tinha era grande e havia o gênio da madrasta que a detestava, por causa das desonras da família.

Margarida passou por cima de tudo. Foi para um jardim na casa de seu pai e sentou-se debaixo de uma figueira disposta a morrer de fome. Olhava para os céus e dizia: “Dulcíssimo Salvador é possível”, não me abandoneis e fazei de mim como fizestes a Madalena, “a pecadora”, e jogai sobre mim a vossa misericórdia.

No convento de São Francisco, um confessor a alentou a ser fiel à graça e entregar-se à penitência, e assim ela fez.

Os primeiros passos que ela deu para sua conversão fez pasmar muitos que não acreditavam nela. Ela mesma se fazia sofrer dando repetidos golpes no rosto com uma pedra, o que talvez transfigurasse seu semblante, já embebido de sangue. Passava quase toda a noite rezando, ajoelhada e contemplando os céus. Comia somente pão embebido com gotículas de água.

Depois de tanto sofrimento, Deus já a tinha perdoado, para que vivesse mais contrita e sem muita mortificação.

Um dia foi tentada novamente e solenemente ajoelhada aos pés de um crucifixo assim falou: “Faça de mim o que quiseres” e com palavras doces ouviu: “Tem ânimo minha filha, por mais violentos que sejam os esforços do demônio; pois eu estou contigo neste combate e sairás sempre vitoriosa, confie cada vez mais na minha bondade, desconfia de ti mesma, e com o socorro de minha graça triunfarás sobre o inimigo”. Ela já era assistida pelo seu Santo Anjo da Guarda. Ela queria padecer sempre mais e mais do que Jesus e por ele. Fazia estratégias oferecendo-lhe enfermos em quem ela tocava e ficavam curados.

Viveu 23 anos assim até que Deus anunciou a ela sua partida para o céu, no dia 22 de



*Detalhe
Imagem de Santa Margarida de Cortona
Consistório
Igreja de São Francisco de Assis
Ouro Preto/MG*



*Pintura de Mestre Ataíde
Santa Margarida de Cortona
Igreja de São Francisco de Assis
Ouro Preto/MG*

fevereiro de 1297, com 48 anos de idade.

Foi enterrada debaixo de muitas lágrimas, no Convento de São Francisco, época em que absoluto patrono do trono de São Pedro era o Papa Leão X.

Sua beatificação foi em 1623, pelo Papa Urbano VIII. Canonizada em 1728, pelo então Papa Bento XIII. Seu hábito era da Ordem Franciscana (Tradição oral).

Na nave central da Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto, vemos quatro pinturas do mestre Ataíde dispostas nos quatro ângulos. Nas pinturas do lado esquerdo, figuras masculinas, e nas do lado direito, figuras femininas, como era o costume antigo de reservar o lado esquerdo aos homens e o direito às mulheres.

Na primeira pintura situada à direita, acima do coro, está retratada uma mulher ajoelhada, há uma gruta ao fundo, está vestida com um hábito talar (até os tornozelos): touca, véu, capa, cordão com vários nós, tendo a seu lado objetos penitenciais: disciplina, açoite de ramos ensangüentados, coroa de espinhos com sangue, uma caveira, crucifixo, livro e rosário. A seu lado vemos um cachorro.

Essas primeiras pinturas, por retratarem lugares ermos com cavernas e tendo em destaque os instrumentos penitenciais, concluímos serem santos penitentes franciscanos, pelo hábito marrom cingido pelo cordão da ordem. Afirmo ser esta, e não outra pintura do lado direito no arco-cruzeiro, Santa Margarida de Cortona, discordando assim das afirmações do Cônego Raimundo Trindade no livro “São Francisco de Assis de Ouro Preto”, que a apresenta como Santa Clara. Na iconografia de Santa Margarida de Cortona, é muito comum encontrá-la em lugares ermos, como penitente, tendo a seu lado um cachorro, o qual saiu à caçada com seu amante, voltou só e levou -a ao encontro do cadáver dele, fato este que a levou à conversão e ao ingresso na Ordem Terceira Franciscana. Torna-se uma grande leiga penitente. Na arte sacra cristã, a iconografia de Santa Clara é representada geralmente trazendo nas mãos um cibório, senão um ostensório e um báculo de abadessa. Narram que o ostensório e o cibório foram usados milagrosamente na expulsão dos sarracenos que invadiram seu mosteiro. Não há casos nem exemplos de representação de Santa Clara com um cachorro.

Texto oferecido pela Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto

“As Santas Franciscanas, Santa Clara, Santa Margarida de Cortona, Santa Isabel formavam um gracioso conjunto. Coisa curiosa, a seráfica Santa Clara foi representada num episódio de sua vida onde ela havia feito prova de viril coragem. Contava-se que no tempo do Imperador Frederico II, os Sarracenos tinham chegado a Assis. Eles invadiram o Claustro de São Damião, quando Santa Clara, intrépida no meio dos religiosos trêmulos, avançava ao encontro dos inimigos, com o ostensório às mãos. Os infiéis, tomados pelo pânico, abandonaram o convento e a cidade. O ostensório nas mãos de Santa Clara, que vemos aparecer no final da Idade Média, tornou-se, no século XVII, seu atributo constante. A Ordem, ela mesma, o tinha escolhido. Ela o carrega no teto da Basílica em Santos dos Apóstolos de Roma, ela segura o ostensório na Igreja de Santo Antônio de Granada, ela também o segura no quadro que Michel Serre pintou para as Clarissas de Marseille. A escolha do atributo é significativa: sente-se mais uma vez o desejo de provar a heresia da virtude divina do Santíssimo Sacramento.

Santa Margarida de Cortona era a própria imagem do arrependimento; era como a Santa Madalena.

Três belos quadros resumem sua vida numa das capelas de Aracoeli. Jovem, ela deslumbrava a Umbria por sua beleza, e como diz Wadding, antevendo os clássicos,

“arrastava todos os corações”. Um dia, guiada por um pequeno cão, ela descobria num lugar solitário o corpo de um de seus amantes, morto por paixão, já atormentado. Este espetáculo a encheu de horror e ela sentiu subitamente o vazio de sua vida.

No quadro de Aracoeli, a bela pecadora, magnificamente vestida, recua de terror diante do cadáver. Mas no quadro seguinte, vestida com uma túnica de burel da Ordem Terceira de São Francisco, está desmaiada, meio morta, abandonada por todos, salvo o seu pequeno fiel cão. Ela apóia-se num pedestal e sua profunda angústia seria o seu coração. É o início de uma nova vida, desta vida heróica, onde ela iguala-se, por suas austeridades, aos penitentes mais célebres. O artista não relatou sobre ela, porém sobre a sua morte. Um padre administra a extrema unção e toca com o santo óleo os seus olhos, antes muito belos e agora fechados: cena plena de verdade, como as do Caravaggio, mas espiritualizada pela doçura da morte.

As duas Santas, Isabel da Hungria e Isabel de Portugal, todas as duas da Ordem Terceira de São Francisco, se confundem às vezes, por suas vidas; pela ternura diante dos pobres, a devoção aos doentes, os milagres quase idênticos. Todas as duas carregam rosas milagrosas na cesta e na sua roupa. No entanto, Santa Isabel de Portugal foi canonizada por Urbano VIII, em 1625, em solenidade particular, na presença de inúmeros peregrinos vindos a Roma, na ocasião das festas do Jubileu, fazendo esquecer, no século XVII a Santa Isabel da Hungria. O famoso quadro de Murilo, que ficava na Caridad de Sevilha e está hoje no Prado, não representa, como comumente, Santa Isabel da Hungria curando os doentes, mas Santa Isabel de Portugal. A coroa que ela carrega é suficiente para prová-lo. Trata-se mesmo da rainha de Portugal e não da mulher do Rei da Hungria. No século XIII, na Espanha, sabia-se o verdadeiro nome da heroína do quadro. Como escreveu Cean Bermudez, Murilo representou no hospital da Caridad de Sevilha “Santa Isabel, rainha de Portugal, sonhando com os pobres enfermos”.



*Detalhe da pintura do Mestre Ataíde
Santa Margarida de Cortona
Igreja de São Francisco de Assis
Ouro Preto/MG*

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. *Artistas coloniais*. Serv. Dct, Rio de Janeiro: 1958.

Apoftegmas e sabedoria dos antigos monjes. Trad. do grego e notas de D. Estevão Bittencourt OSB. Rio de Janeiro: Ed. Lume Cristi.

ATANAZIO, Santo. *Vida e conduta de Santo Antão*. Ed. Paulinas, 1991.

BANDEIRA, Manuel. *Guia de Ouro Preto*. publ. PHRN - MES, Rio de Janeiro: 1938.

- BAZIN, A. Germain. *L' Architecture Religieuse Barroque du Bresil* - Tomo I, Editions D' Histoire e D' Art Librairie Pon, Paris.
- CULOT, Juan Eduardo. *Dicionário de símbolos*, Trad. Rubens Eduardo Ferreira Frias, São Paulo: 1984.
- DEL NEGRO, Carlos. *Contribuição ao estudo da pintura mineira*, publ. DPHAN nº 20, Rio de Janeiro, 1958.
- ENYLEBER, Omer. *La Fleus des Saint*. 1980.
- Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais*. A religião em Ouro Preto. Belo Horizonte: 1975.
- LEHMANN, João. B. S. V. D. *Na Luz Perpétua*. 2 vol. 1935.
- LEITE, José. S. J. *Santos de cada dia*, Editorial A O, Braga.
- MACHADO, Lourival Gomes. *Barroco mineiro*. São Paulo: Perspectiva, 1949.
- MÂLE, Émile, "L' Art Religieux du XVII e Siècle".
Paris: Armond Colin Editem, 1984.
- MARIA, Antônio. *Pequeno dicionário católico*, Rio de Janeiro: SED 1966.
- MENEZES, Joaquim Furtado de. *Igrejas e irmandades de Ouro Preto*.
- PE. CROISIT S. J. *Anno cristão*, 15 volumes, 1923.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*, 2 tomos - trad. Clado Ribeiro Lessa. Comp. Ed. Nacional, 1938, p. 475, cap. 3 SFA.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Segunda viagem pelas províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo*, 1822 - trad. Affonso de E. Taunay - Brasiliana vol. V.
- SÃO FRANCISCO DE ASSIS. *Escritos e crônicas de São Francisco de Assis - Crônicas e outros testemunhos de primeiro século franciscano*. Ed. Vozes, 1986.
- TRINDADE, Cônego Raimundo. *São Francisco de Assis*.